



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA**  
**CENTRO DE EDUCAÇÃO**  
**DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO**  
**CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA**

**NICEMÁRIA MACEDO DO NASCIMENTO**

**A ORTOGRAFIA EM FOCO: um estudo da ortografia utilizada na rede social  
Facebook**

**Campina Grande - PB**

**2016**

**NICEMÁRIA MACEDO DO NASCIMENTO**

**A ORTOGRAFIA EM FOCO: um estudo da ortografia utilizada na rede social  
Facebook**

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado ao Curso de Licenciatura em  
Pedagogia da Universidade Estadual da  
Paraíba, em cumprimento às exigências  
para obtenção do grau de Licenciado em  
Pedagogia.

**Orientadora:** Profa. Dr<sup>a</sup>Valdecy Margarida da Silva

**Campina Grande – PB**

**2016**

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

N244o Nascimento, Nicemária Macedo do  
A ortografia em foco [manuscrito] : um estudo da ortografia utilizada na rede social facebook / Nicemária Macedo do Nascimento. - 2016.  
37 p. : il. color.  
  
Digitado.  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2016.  
"Orientação: Profa. Dra. Valdecy Margarida da Silva, Departamento de Pedagogia".

1. Gramática 2. Ortografia 3. Leitura 4. Escrita 5. Rede Social - Facebook I. Título.

21. ed. CDD 415

NICEMÁRIA MACEDO DO NASCIMENTO

A ORTOGRAFIA EM FOCO: um estudo da ortografia utilizada na rede social  
Facebook

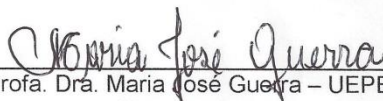
Trabalho de Conclusão de Curso apresentado  
ao Curso de Licenciatura em Pedagogia da  
Universidade Estadual da Paraíba, em  
cumprimento às exigências para obtenção do  
grau de Licenciado em Pedagogia.

Data da aprovação: 30/05/2016

Banca examinadora:



\_\_\_\_\_  
Prof. Dr.ª Valdecy Margarida da Silva – UEPB  
Orientadora



\_\_\_\_\_  
Prof. Dr.ª Maria José Guerra – UEPB  
Examinadora



\_\_\_\_\_  
Prof. Dr.ª Maria do Socorro Moura Montenegro - UEPB  
Examinadora

Ao Senhor Deus, que me segurou em seus braços  
diante de todas as dificuldades enfrentadas durante  
essa tão desafiadora trajetória.

## **AGRADECIMENTOS**

Durante minha caminhada enfrentei obstáculos. Porém, consegui prosseguir mesmo diante de todos os embates. Tenho a convicção de que não se consegue nada sozinho. Por esse motivo, deixo meus agradecimentos a Deus, por colocar em meu caminho:

Meu pai Francisco Geraldo, meu exemplo de dignidade, educação e respeito, que me incentivou na realização desta meta.

Minha mãe Maria do Socorro, que foi essencial no início dessa trajetória.

Amigos verdadeiros, que me acolheram nos momentos mais difíceis. Em especial à Maria de Fátima Gomes, Juciara Sousa, Denise Cristina e Maria das Graças Cavalcante.

Colegas de trabalho, que me compreenderam e auxiliaram durante esse período.

Colegas de ônibus, que não deixaram que as longas viagens fossem motivo de monotonia e sim momentos de prazer.

Professores que fizeram parte da graduação, participando da construção de conhecimento, em especial a professora orientadora deste estudo, a Prof. Dr<sup>a</sup> Valdecy Margarida da Silva, exemplo de profissional e mulher, pelo incentivo e compreensão.

Colegas de sala, turma Pedagogia do sucesso, juntos desenvolvemos amor fraternal, que renovava minha vontade de continuar a cada dia.

Professores da banca examinadora, que se dispuseram a prestigiar esse trabalho e dar as suas contribuições.

Muito obrigada!

**Ninguém ignora tudo. Ninguém sabe tudo. Todos nós sabemos alguma coisa. Todos nós ignoramos alguma coisa. Por isso, aprendemos sempre.** Corroboro com esse brilhante pensamento do nosso eterno mestre.

Paulo Freire(1)

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	7
<b>1. A ORTOGRAFIA: ALGUNS PRESSUPOSTOS.....</b>	<b>9</b>
1.1 Algumas considerações sobre a norma ortográfica .....	10
1.2 O aprendizado da ortografia.....	11
<b>2. A LEITURA, A ESCRITA E A ESCOLA .....</b>	<b>15</b>
2.1 As práticas da leitura e da escrita na escola .....	16
2.2 O ensino da ortografia na escola.....	21
<b>3. A ESCRITA NA REDE SOCIAL FACEBOOK E A ORTOGRAFIA COMO FONTE DE EXCLUSÃO .....</b>	<b>24</b>
3.1 O percurso da pesquisa .....	26
3.2 Análise da escrita dos usuários do Facebook.....	27
<b>4. CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>32</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>345</b>



## RESUMO

Com a popularização da internet no séc. XXI, o número de pessoas que utiliza a escrita como principal meio de comunicação através das redes sociais, cresceu consideravelmente. Como usuária da rede social Facebook, observo muitos jovens com dificuldade de utilizar a escrita dentro dos padrões gramaticais. Tal escrita se configura como mais um motivo de exclusão desses jovens da sociedade. Discriminados pelos demais usuários, esses jovens, embora tenham frequentado a escola, não foram alfabetizado(s) de forma plena e, conseqüentemente, não se tornaram leitores e escritores competentes. Embasada em estudos de Gurgel (2009), Kleiman (1989), Silva (2009), Solé (1998), Souza (1997), dentre outros, esta pesquisa pretende investigar a ortografia utilizada pelos usuários da rede social Facebook, partindo de uma discussão sobre as práticas de ensino da leitura e da escrita na escola. Metodologicamente, este trabalho adotou uma pesquisa de cunho exploratório através da rede social Facebook. Os dados revelam que é de suma importância que os usuários das redes sociais possam escrever de forma clara e objetiva, de acordo com a ortografia padrão, sob pena de sofrerem preconceito em função do uso inadequado da norma padrão nesses espaços. Ainda, a forma como uma pessoa escreve pode dizer muito sobre ela, ainda mais quando a escrita torna-se o principal meio de expressão, como é o caso do Facebook.

**Palavras-chave:** Ortografia. Leitura. Escrita. Facebook.

## INTRODUÇÃO

O Facebook foi lançado nos Estados Unidos, em 2004, criado pelo americano Mark Zuckerberg, estudante da Universidade Harvard, no período em que criou a rede. A princípio, a intenção era de criar um diário online que tivesse como integrantes pessoas que estavam concluindo o ensino secundário e ingressando no ensino superior americano, sendo acessível apenas para os alunos da Harvard (2004), depois foi disponibilizado para escolas secundárias americanas. A escrita é o principal instrumento de comunicação utilizado pelos usuários dessa rede. Desse modo, sabemos que a linguagem é uma ferramenta de interação social e formadora de conhecimento, que não pode estar centrada apenas em códigos. Porém, a forma como se escreve nas redes sociais é uma espécie de ponte lançada entre nós e os outros. Por esse motivo, faz-se necessário conhecimento da escrita, cautela e prudência ao escrever. O Problema está na forma como muitos usam essa ferramenta. Alguns usuários extrapolam em neologismos, gírias, abreviações e erros ortográficos. A escrita se mostra como ferramenta básica para interação no

Facebook. Conhecer como as palavras devem ser grafadas corretamente, de acordo com a norma culta padrão, é um aspecto importante para a produção textual e obedecer às normas ortográficas, é um recurso que contribui para a construção de uma imagem positiva do escritor. Além de ser papel da escola, formar leitores e escritores, não só para a escola, mas para a vida inteira.

Escrever bem, eis a dificuldade de várias pessoas que, apesar de frequentarem ou terem frequentado a escola, não conseguem redigir um texto de forma clara e de acordo com as normas da gramática e da ortografia. No artigo de Gurgel (2009), intitulado “Escrever de Verdade”, temos algumas pistas que nos levam a refletir sobre as possíveis causas desse problema. O artigo trata das metodologias de ensino da leitura e escrita que facilitam a aprendizagem das crianças e o bom desenvolvimento da escrita. De acordo com a autora, o trabalho em sala baseado em tipologias textuais limitadas, prejudica o desenvolvimento da escrita ao longo da vida, porque não garante o conhecimento necessário para que os alunos possam produzir diferentes gêneros textuais. Segundo a autora, para adquirir hábitos leitores e escritores, é necessário que a criança participe ativamente em sala de aula de atividades da vida social que envolvam leitura e escrita, sempre observando alguns aspectos em sua produção, como: o leitor, o objetivo do texto, o gênero textual.

O trabalho com leitura e escrita é uma decisão didática que, como já foi dito anteriormente, requer uma aprendizagem a partir de situações práticas do cotidiano. Gurgel (2009) afirma que para que o sujeito seja um escritor proficiente, ao escrever seu texto passa por várias etapas: planejamento, escrita, revisão, reescrita, sendo esses passos contínuos e sem que seja preciso obedecer uma sequência deles.

Desta forma, os “bons” escritores adultos são pessoas que pensam sobre o que vão escrever, colocam em palavras e voltam sobre o já produzido para julgar sua adequação. Mas, acima de tudo, não realizam as três ações (planejar, escrever e revisar) de maneira sucessiva: vão e voltam de umas a outras, desenvolvendo um complexo processo de transformação de seus conhecimentos em um texto.

A palavra ortografia deriva das palavras gregas ortho que significa correto e graphos que significa escrita. A ortografia se caracteriza por estabelecer um padrão previamente instituído para a forma escrita das palavras. Essa escrita está relacionada tanto a critérios etimológicos (ligados à origem das palavras) quanto fonológicos (ligados aos fonemas representados). É importante compreender que a

ortografia é fruto de uma convenção social. A forma de grafar as palavras é produto de acordos ortográficos que envolvem os diversos países em que a língua portuguesa é oficial. A melhor maneira de treinar a ortografia é ler, escrever e consultar o dicionário sempre que houver dúvida.

O presente trabalho monográfico pretende investigar a ortografia utilizada pelos usuários da rede social Facebook, partindo de uma discussão sobre o ensino da leitura e escrita na escola. Metodologicamente, este trabalho adotou uma pesquisa de cunho exploratório através da rede social Facebook. Os autores que fundamentam o presente trabalho são SILVA, MORAIS e MELO (2007), SOUSA e PEREIRA (2007), KOCH (2009), dentre outros.

O artigo está dividido em três tópicos. **No primeiro**, fizemos algumas considerações sobre a norma ortográfica e seu aprendizado. **No segundo** tópico, abordamos as práticas da leitura e da escrita na escola e o ensino da ortografia em sala de aula. **No terceiro** tópico, apresentamos os dados da pesquisa e sua análise e, por último, as considerações finais sobre nosso trabalho.

## 1. A ORTOGRAFIA: ALGUNS PRESSUPOSTOS

A ortografia constitui-se como parte da gramática responsável pela grafia correta das palavras. Está baseada no padrão da norma culta da língua e é formada por regras e normas disciplinares do discurso escrito. Para Morais (2007, p.17), a norma ortográfica é: “conjunto de convenções que fixa as formas sob as quais as palavras devem ser grafadas”. Atualmente adotamos o sistema ortográfico aprovado em 1943, com algumas mudanças efetuadas em 1971. A partir de 2009, outras regras entraram em vigor. A norma ortográfica é uma convenção social criada para facilitar a comunicação escrita. A história da ortografia portuguesa inicia-se no séc. XI e atravessa os outros séculos marcada por reformas que trouxeram melhorias. O séc. XX foi marcado pelo Novo Acordo Ortográfico de 1990, assinado em 2009 que visa a unificação da ortografia dos países que tem o Português como língua oficial.

A ortografia portuguesa está dividida em três períodos distintos: O primeiro período, conhecido como período fonográfico, estende-se desde o início da língua até o séc. XVI, onde a ortografia deveria ser a reprodução fiel dos sons da fala. O

segundo período, chamado de pseudoetimológico, compreende os séc. XVI, XVII e XVIII, período onde pensou-se na adoção de uma ortografia etimológica, que resgatasse a herança latina. O terceiro período, conhecido como histórico-científico, que abrange os séc. XIX a XXI, evidenciou-se pela criação de vários acordos ortográficos. Em 1931 tivemos o primeiro Acordo, entre a Academia Brasileira de Letras e a Academia das Ciências de Lisboa; em seguida o Acordo Ortográfico de 1943; a Lei 5.765 de 18 de dezembro de 1971 (que alterou o acordo de 1943); o Acordo de 1975 (que não se transformou em lei nem veio a público) e o Protocolo de Intenções para o Acordo Ortográfico, de 1986. A mais recente Reforma Ortográfica, assinada em 1º de janeiro de 2009, pôs em prática as regras estabelecidas pelo o decreto de nº 6.583, publicado em 29 de setembro de 2008, que promulgou no Brasil o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa. Esse acordo tenta promover a unificação entre os países que tem a língua brasileira como idioma oficial: Portugal, Brasil, Angola, São Tomé e Príncipe, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique e Timor Leste.

### **1.1 Algumas considerações sobre a norma ortográfica**

De acordo com Morais (2007,p.17), a norma ortográfica é “algo que, lembremos, é convencionalizado: arbitrado, socialmente negociado e prescrito como forma única a ser seguida.” Nesse sentido, trata-se de uma norma que deve ser seguida fielmente, uma palavra está certa ou errada, não existe meio termo. Apesar dessa inflexibilidade, a norma ortográfica é necessária. A escrita representa a fala e se não fosse a ortografia, se cada pessoa ao falar de forma diferente uma mesma palavra, também escrevesse diferente, tornaria - se mais difícil, porque, ao final teríamos grafias diferentes. Sendo assim, temos as normas que foram criadas a partir do sistema de escrita alfabética.

A ortografia é uma convenção social que foi historicamente construída. Diferente de outras línguas como o francês e o espanhol, que tiveram seus acordos fixados no séc. XIII, a ortografia da língua portuguesa demorou para fixar um acordo a ser adotado por todos os usuários do idioma. Segundo Morais (2007,P.14), “Tudo

em ortografia precisa ser visto conseqüentemente, como fruto de uma convenção arbitrada/negociada ao longo da história.” Então, podemos dizer que a ortografia constitui-se objeto de conhecimento. Primeiro, o sujeito domina as propriedades do sistema de escrita alfabética e depois vai internalizando, aos poucos a norma ortográfica. Portanto, como vimos, é um objeto de conhecimento que possui regras e é complexo, podendo causar má ou boa impressão, dependendo da forma como o escritor apresenta, podendo ser motivo de discriminação.

Historicamente, por razões de ordem política e ideológica, foram as formas de pronúncia dos grupos dominantes, ‘mais letrados,’ que serviram de base para definir o que é regular nas relações entre sons e grafias. (MORAIS, 2007, P.20).

A ortografia possui aspectos regulares<sup>1</sup> e irregulares<sup>2</sup>, fatores que a torna complexa. Por esse motivo, a afirmação de Morais (2007, p.18):

Por tratar-se de um objeto de conhecimento do tipo normativo, convencional, prescritivo, defendemos que cabe à escola ensiná-lo sistematicamente, em lugar de deixar que o aluno, entregue a sua própria sorte, com o tempo, venha a descobri-lo e a aprendê-lo sozinho.

Como foi dito anteriormente, a escrita das palavras pode ser fonte de exclusão, assim como também de inclusão, seja em um meio de comunicação virtual, emprego, enfim, em toda forma de comunicação que envolva leitura e escrita. Então, faz-se necessário que o sujeito seja preparado pela escola para atuar como escritor proficiente, por entender que a escola deve exercer, de fato, o seu real papel de formar leitores e escritores.

## **1.2O aprendizado da ortografia**

Atualmente, a Pedagogia Tradicional está dando lugar a um ensino mais voltado para o construtivismo, corrente teórica que defende que o aluno constrói seu

---

<sup>1</sup>São determinados por regras e podem ser aprendidos pela compreensão.

<sup>2</sup> É necessário memorizar.

conhecimento junto com o professor; e esse último não é o único detentor do conhecimento, como no ensino tradicional. Mas, será que esse fenômeno é a realidade da maioria das escolas brasileiras? E os professores, suas metodologias se adéquam à essa nova realidade? Infelizmente, não. Apesar dessa nova tendência no ensino, os professores tem dificuldades em trabalhar de acordo com essa nova concepção de aprendizagem. Alguns fatores como a necessidade de melhor formação, impedem que isso aconteça de fato. Portanto, o ensino da ortografia continua sendo um grande desafio para os professores.

De acordo com Moraes (2007, P.11), as docentes do Ensino Fundamental de escolas públicas do Recife (as quais participaram de sua pesquisa, contida no livro: Ortografia na sala de aula), também julgavam que há uma mudança no ensino da ortografia, expressando: “antes era mais rígido, exigia-se mais do aluno”, ainda as docentes participantes da pesquisa citada afirmam: “com o surgimento do construtivismo, o professor procura valorizar o trabalho do aluno, sem criticá-lo, mostrando a escrita correta, mas de modo a não prejudicar sua criatividade,” No entanto, como afirma o autor, as educadoras citadas acima, assim como a maioria dos educadores atuais mudaram sua forma de pensar sobre o ensino da ortografia. Porém, suas práticas continuam as mesmas e essas continuam sendo mais um objeto de avaliação que de ensino. Nesse sentido, afirma MORAIS (2007,p.11-12):

ao relatar suas práticas em sala de aula, mencionavam, sobretudo, a tradicional estratégia de fazer ditados – de textos ou listas de palavras – com a posterior correção no quadro. Na hora de avaliar o desempenho dos alunos em língua portuguesa, quase todas as professoras diziam levar em conta o rendimento ortográfico e, principalmente nas 4ª. séries. Várias delas explicitavam que esse rendimento era um item essencial para decidir sobre a aprovação ou não das crianças

A partir do início da década de 1980 introduziu-se no Brasil o pensamento construtivista sobre alfabetização, resultante das pesquisas sobre a psicogênese da língua escrita, desenvolvidas pela pesquisadora argentina Emília Ferreiro e colaboradores, o que gerou por má interpretação, uma certa omissão, em algumas adequações a respeito das questões de ordem didática e, no limite, tendo-se criado um ilusório pensamento de que a aprendizagem independe do ensino. A proposta

construtivista é fazer com que o aluno aprenda refletindo e isso não quer dizer deixá-lo aprender sozinho. MORAIS (2007) enfatiza que o ensino da ortografia deve ser sistemático. Por se tratar de normas, a escola deve ensiná-la metodicamente, é claro de forma adequada à cultura e à realidade dos alunos e que seja um ensino que favoreça a reflexão. É importante observar os erros dos alunos. É a partir do erro que se aprende. O que eles nos dizem e a partir deles é possível traçar um planejamento que favoreça a aprendizagem. Segundo Rego (2007, P.31):

Os erros revelam as dificuldades e as soluções criadas pelos alunos para escrever palavras cujas grafias não estão familiarizados e podem funcionar como pistas para intervenções didáticas diferenciadas que levem os alunos a refletirem sobre as convenções ortográficas.

Nesse sentido, é importante destacar a necessidade do professor fazer uma atividade com os educandos, onde eles possam mostrar seus conhecimentos prévios. A partir desse diagnóstico, fica mais fácil para o professor traçar metas para alcançar o objetivo desejado na aprendizagem dos alunos. Essa é uma metodologia que necessita ser aplicada de forma continuada, não é com um simples exercício e em uma única vez que o professor pode diagnosticar o nível de desenvolvimento ortográfico do aluno. Vários fatores precisam ser vistos, tais como: Nível de desenvolvimento na leitura, aquisição de regras, capacidade de memorização, realidade sócio - cultural do aluno. Todos esses aspectos que envolvem o processo de aquisição da escrita necessitam de um acompanhamento contínuo, através de atividades diversificadas.

De acordo com Rego (2007, p.34), embora a análise dos erros ortográficos produzidos pelas crianças nos dê importantes pistas acerca dos obstáculos enfrentados e das soluções criadas por elas no processo de apropriação da norma ortográfica do português, essa ferramenta de diagnóstico tem suas limitações. Então, como foi dito anteriormente, a análise dos erros ortográficos dos alunos não basta para se traçar um diagnóstico de avaliação do seu nível de aprendizagem, já que esse aprendizado envolve vários fatores, o domínio das regras de contexto<sup>3</sup> e

---

<sup>3</sup>É possível prever a escrita correta da palavra levando-se em consideração o contexto, isto é, a posição que a letra ocupa na palavra ou a letra subsequente.

morfossintáticas<sup>4</sup> é um deles. Esse é um dos elementos principais no processo de apropriação da norma ortográfica. Por isso, entendemos que não há uma única verdade, mas verdades, os estudos existem não para ser descartados, mas para servir de avanço ao já existente. Outra coisa importante a ser frisada é que as regras de leitura são dominadas primeiro que as regras da escrita. “Finalmente, o estudo confirmou os achados de Nunes(1992) de que as aquisições na leitura precedem às aquisições na escrita” (REGO, 2007,P.37). Além disso, para cada regra existe um nível de progresso distinto, seja na leitura ou na escrita e o aprendizado varia de uma pessoa para outra.

O indivíduo desenvolve internamente as informações sobre ortografia que recebe do meio. “[...]é reelaborando as representações acerca das regularidades e irregularidades da ortografia que o aprendiz progride no seu conhecimento da norma ortográfica.” (REGO, 2007, p.39). Nesse sentido, ressaltamos a importância de um ensino onde o aluno possa refletir sobre as regras utilizadas na ortografia. Só memorizá-las não é suficiente para que ocorra uma aprendizagem significativa.

É necessário fazer uma ponte entre o conhecimento informal do aluno com o conhecimento formal, levando-o a trilhar por um caminho criado por ele próprio, tendo sido mediado pelo professor. Porém, é através de situações onde o aluno busca explicações para suas dúvidas e verifica seus erros que aprende a abordar a norma ortográfica de forma autônoma. Segundo Melo (2007,p.79), “o professor não dá aos alunos uma regra para memorizar, mas leva-os a formular suas próprias meta-explicações e a checá-las, de modo a que venham abordar a ortografia estrategicamente.”

Diante dessa metodologia, normalmente o aluno cometerá erros, porém, esses não são aleatórios, surgem das dúvidas, do conhecimento armazenado e das soluções encontradas por ele e fazem parte do seu crescimento. Portanto, esses erros não devem ser desconsiderados pelo professor na elaboração do seu planejamento didático. Os mesmos servem como indicadores das dificuldades do

---

<sup>4</sup> É necessário recorrer à gramática e em particular à morfologia para obter a grafia correta de uma palavra.



aluno, apontando qual o melhor caminho a ser seguido. Além disso, o professor não deve caracterizar estágios de desenvolvimento a partir dos erros, como já foi dito, para cada regra existe uma evolução distinta, tanto para a leitura, quanto para a escrita.

Segundo Melo e Rego (1998), citados por REGO, (2007), existem algumas evidências de que um ensino reflexivo da ortografia, em que regras e princípios se tornam objeto de investigação na sala de aula, tem impacto altamente positivo na aquisição dessas regras ou princípios pela criança. Diante dessa afirmação, podemos inferir a importância de criar uma sequência didática pautada no conhecimento que o aluno já tem armazenado, permitindo o diálogo, a troca de conhecimento, assim como a reflexão a partir de suas dificuldades da escrita ortográfica. Essas dificuldades podem estar associadas a diversos fatores, tais como a classe social, as oportunidades de escolarização e até ao desempenho individual de cada pessoa.

## **2. A LEITURA, A ESCRITA E A ESCOLA**

Vivemos em uma sociedade letrada, na qual, cotidianamente, o indivíduo é desafiado em situações diversas não só a utilizar a leitura escrita, mas também se vê “obrigado” a participar ativamente dessa sociedade letrada. Portanto, é inquestionável o fato de que o ato da leitura permite ao homem sua inserção, assim como sua participação ativa no meio social, e a escola, por sua vez, deve ser o elo entre leitores proficientes e inserção social. Em virtude de não desenvolver hábitos leitores e escritores, muitos alunos encontram dificuldade em redigir um texto de qualidade e acabam levando isso para vida toda. Cabe à escola, enquanto instituição pedagógica responsável pela formação de seus alunos, estimular o desenvolvimento de sua competência comunicativa através da linguagem oral e escrita, tornando-os seres capazes de compreender e interagir com o meio, visto que como já foi dito anteriormente, a leitura é imprescindível para que o indivíduo possa agir com autonomia em sociedades letradas. Nesse sentido, Padilha (2007, p. 54) afirma que:

Em tempos modernos no qual a televisão, o computador e a internet são peças-chaves da sociedade, a leitura e a escrita não perderam seu valor como necessidade social, mas, passou a ser um grande

desafio para a escola mostrar a importância de saber ler e escrever, considerando que por falta de conscientização sobre o hábito da leitura e da escrita cada vez mais, os alunos apresentam sérios problemas na organização do pensamento e da escrita.

Dessa forma, compete à escola sistematizar propostas pedagógicas que satisfaçam as reais necessidades do aluno, considerando-o participante ativo do seu processo de aprendizagem. Sabemos que muitos alunos não têm oportunidade de familiarizar-se com a leitura fora da escola. Crianças de classe média e alta têm acesso a recursos que as crianças de classe baixa não possuem: Livros, jornais, internet, entre outros. A escola não pode compensar as injustiças e desigualdades sociais que nos assolam, mas pode fazer muito para evitar que se propaguem em seu interior. Ajudar os alunos a ler, a fazer com que se interessem pela leitura, é dotá-los de um instrumento de aculturação e de tomada de consciência que irão refletir além dos limites da instituição escolar. Ler e escrever são, pois, um direito de todos e é dever da escola possibilitar a realização deste processo aos seus alunos.

## **2.1 As práticas da leitura e da escrita na escola**

A competência da leitura é um recurso importante que habilita o aluno a interagir com os outros, discutindo e participando ativamente dos acontecimentos que ocorrem a sua volta. É de suma importância a incumbência e reponsabilidade dada ao professor, especialmente ao professor dos anos iniciais do Ensino Fundamental. Através do aprendizado da leitura e da escrita é que o aluno terá maior facilidade para desenvolver-se nas demais disciplinas, sem falar que aprender a ler e a escrever pode ser uma atividade prazerosa ou não dependendo de vários fatores e um dos mais importantes, se não o principal, é o professor. Infelizmente sabemos que existem profissionais que encontram dificuldades nos processos de ensino e aprendizagem da leitura e da escrita, provenientes de um ensino descontextualizado e mecânico que receberam e acabam repassando isso para seus alunos.

Pesquisas feitas na área da linguística e psicologia apontaram necessidade de mudança no ensino. A criança tem maior facilidade em aprender a partir de

leituras contextualizadas, onde a mesma possa ser sujeito de sua aprendizagem. Nesse sentido, para que isso ocorra, faz-se necessário desenvolver metodologias de ensino coerentes com o objetivo desejado, promover leituras contextualizadas, analisar o percurso de aprendizagem do aluno e interferir quando necessário; favorecer a interação e a cooperação entre os alunos, entre outros propósitos que facilitarão a aprendizagem. Sendo assim, quanto melhor como professor e passo a compreender o processo de construção do conhecimento, mais eficiente será meu trabalho, desenvolvendo em meus alunos o gosto pela leitura e também pela escrita.

Não podemos considerar o ato de ler como simples decodificação, apesar de compreender que todo sujeito perpassa pela decodificação, já que ler, em sentido restrito é decodificar as letras e dizer o que está escrito.. Ler é além de decodificar o código escrito, compreender o que está lendo. O processo de aprendizagem da escrita também não é diferente. É preciso que o sujeito escritor compreenda que a escrita representa uma realidade que vai além do código escrito. A apropriação do sistema de escrita envolve além, do domínio do sistema alfabético-ortográfico, seu uso de forma autônoma nas práticas sociais. Segundo os PCNs (1997p.54):

Um leitor competente é alguém que, por iniciativa própria, é capaz de selecionar, dentre os trechos que circulam socialmente, aqueles que podem atender a uma necessidade sua. Que consegue utilizar estratégia de leitura adequada para abordá-los de forma a atender a essa necessidade.

O ensino da leitura e da escrita é um trabalho minucioso, porém gratificante para o professor e aluno, quando ambos ganham com essa experiência. Outro ponto importante na prática de ensino da leitura e escrita em sala de aula é despertar a criatividade e a curiosidade da criança através do novo, do desconhecido, mesmo que a princípio o professor trabalhe textos que não sejam do interesse dos alunos e que apresentem certo grau de dificuldade. É preciso que os mesmos se deparem com o novo, que está além do seu horizonte de compreensão, isso é fundamental para a constituição do ambiente de letramento (PCNs, 1997, p.54):

Para aprender a ler, portanto, é preciso lidar com a diversidade de texto, e os leitores para participarem de atos de leitura de fato,

precisam negociar o conhecimento que já têm e o que é apresentado pelo texto, o que está atrás e diante dos olhos, recebendo incentivo e ajuda.

É preciso levar em consideração o contexto sócio- histórico que o aluno está inserido. Porém, novas possibilidades precisam e devem ser apresentadas. De acordo com Solé (1998), poder ler, isto é, compreender e interpretar textos escritos de diversos tipos com diferentes intenções e objetivos contribui de forma decisiva para autonomia das pessoas, na medida em que a leitura é um instrumento necessário para atuarmos em uma sociedade letrada.

Outro fator importante na aprendizagem da leitura e da escrita é o diálogo, a troca de conhecimentos. Favorecer o compartilhamento de informações a partir de trabalhos em grupo, onde o professor não seja figura de destaque e sim mediador do conhecimento, onde todos os participantes deem suas respectivas colaborações é garantir ao aluno seus próprios caminhos literários no tocante à prática da escrita e da leitura. Entretanto, de acordo com os PCNs (1997, p.25):

Tem-se observado que a afirmação de que o conhecimento é uma construção do aprendiz vem sendo interpretada de maneira espontaneísta, como se fosse possível que os alunos aprendessem os conteúdos escolares simplesmente por serem expostos a eles. Esse tipo de desinformação que parece acompanhar a emergência de práticas pedagógicas inovadoras tem assumido formas que acabam por esvaziar a função do professor.

Encontrar seus próprios caminhos, não significa não ser avaliado. É preciso que o professor esteja atento ao desenvolvimento dos alunos, registrando suas dificuldades e avanços, criando estratégias de ensino, reformulando as existentes, quando necessário.

Também não podemos deixar de frisar que o êxito no ensino da leitura e da escrita, não deve contar apenas com a contribuição do professor, embora essa seja uma tarefa atribuída a ele, pode e deve contar com outros elementos, como a família, a comunidade escolar. Embora reconheçamos que a escola não pode e nem deve transferir o seu papel, que é o de formar leitores e escritores... É importante conscientizar a todos da importância da aprendizagem da leitura e da escrita, para a inserção do sujeito nas diversas práticas sociais.

A leitura é um processo de interação que se dá entre o leitor e o texto, mediante o qual se compreende a linguagem escrita. Essa compreensão pode trazer

diferentes significados para o leitor, dependendo de vários fatores que falaremos mais adiante. Nesse sentido, o significado da leitura pode variar de pessoa para pessoa, ou seja, a leitura é uma construção que envolve o texto. Sabemos que a importância da mesma para a educação formal é inegável. O sujeito que não sabe ler, nem escrever na sociedade atual, acaba sendo excluído de várias formas; seja por falta de habilidade para se comunicar por escrito, seja pela oralidade. São alvos de exclusão dos meios de comunicação virtual, entrevistas para emprego, entre tantas outras. Porém, aprender a ler nos anos iniciais, muitas vezes, é sinônimo de “decodificar a palavra escrita”. Essa leitura como decodificação geralmente vem representada nos próprios livros didáticos reduzindo a leitura a uma atividade mecânica, tornando as pessoas alfabetizadas, porém, não letradas (uma pessoa letrada, além de decodificar o código escrito, tem capacidade de compreender e refletir sobre o que está lendo). Para que atue em sociedade com maior liberdade, é necessário que o sujeito além de alfabetizado, seja letrado.

De acordo com SOUZA E PEREIRA (2007), a leitura pode ser vista diante de quatro perspectivas, são elas: Leitura decodificação: a leitura é reduzida a uma atividade mecânica, onde o texto passa a ser visto como possuindo um sentido único que cabe ao aluno aprender. Leitura cognitivista: está centrada no leitor e sua percepção visual do texto. Leitura discursiva: a leitura é considerada como produção de sentido, enfatizando a leitura como prática históricas, sociais e culturais. Leitura sociointeracionista: a linguagem é vista como interação entre os sujeitos determinados sócio e historicamente, ou seja, a relação entre os sujeitos: leitor e autor, mediada pelo texto.

Podemos deduzir, então, que reconhecer a leitura como prática significa conceber a articulação entre a leitura e a escrita. O autor produz, indiretamente, um leitor que estabelece relação com o texto. Essas relações entre autor, leitor e texto, constroem uma variedade de sentidos. “(...) o significado que um escrito tem para o leitor não é uma tradução ou réplica do significado, que o autor quis lhe dar, mas uma construção que envolve o texto, os conhecimentos prévios do leitor que o aborda e seus objetivos.” (SOLÉ, 1998). Ensinar a ler é criar uma expectativa prévia com relação ao conteúdo da leitura. É ensinar que o texto possui um significado, que a criança precisa refletir sobre o mesmo, sobre o que está lendo, podendo ir e voltar durante a leitura. No entanto, infelizmente, a maioria das práticas mais comumente

usadas em sala de aula são inibidoras do desenvolvimento dessa capacidade de compreensão.

As práticas da leitura e da escrita estão presentes em várias situações do nosso cotidiano e faz-se necessário saber utilizá-las de forma eficaz para facilitar nossa vida. Houve um tempo em que a escrita era privilégio de poucos. Porém, atualmente faz parte de nossa vida de forma mais efetiva, com as redes sociais, apesar de entender que é uma atividade complexa que envolve uma pluralidade de conhecimentos. Para entendermos melhor o que é escrita, buscaremos sintetizar o que Koch e Elias (2009) nos dizem a respeito do tema.

De acordo com as autoras, a atividade da escrita envolve vários aspectos - linguísticos, cognitivos, pragmáticos, sócio – históricos e culturais - os estudos existentes sobre a mesma partem de diversas perspectivas, o que não nos permite obter um único significado para a escrita. No livro “Ler e Escrever: estratégias de produção textual”, mais especificamente no capítulo dois, Koch e Elias (2009) afirmam que escrita, linguagem, texto e sujeito caminham juntos, ainda que isso esteja subentendido em nossa consciência. As referidas autoras apresentam a escrita em três focos. São eles:

Escrita: foco na língua: Está centrada totalmente nas regras, na gramática. Nessa perspectiva, o conhecimento do código utilizado é suficiente, bastando ao escritor utilizar o código da escrita e ao leitor decodificar com total exatidão o que está escrito.

Escrita: foco no escritor: Centraliza o escritor como dono absoluto da palavra. Nesse contexto, quem escreve expressa seu pensamento não havendo um processo de interação com o leitor e com as estratégias de escrita.

Escrita: foco na interação: Processo dialógico e interativo, no qual tanto leitor como escritor, são participantes ativos na construção da escrita, envolvendo uma série de conhecimentos e estratégias.

Koch (2009, p.35) afirma que o sentido da escrita é produto dessa interação, não resultando apenas do uso do código, nem tão-somente das intenções do escritor. Numa concepção de escrita assentada na interação, o sentido é um *constructo*, não podendo, por conseguinte, ser determinado *a priori*.

De acordo com o que foi discutido, podemos observar que o modo mais completo pelo qual é concebida a escrita é o foco na interação, pois sempre que escrevemos, fazemos isso com um objetivo e para que alcancemos o mesmo é

necessário utilizarmos-nos de algumas estratégias. Nesse sentido, o escritor precisa ter conhecimentos variados, que vão desde o linguístico, ao enciclopédico e às práticas sociais.

Segundo Koch e Elias (2009), conhecimento linguístico refere-se ao conhecimento da ortografia, da gramática e do léxico da língua; conhecimento enciclopédico é o conhecimento armazenado, obtido a partir de experiências e vivências variadas; conhecimento de textos refere-se ao conhecimento de vários modelos de texto, o que chamamos de gêneros textuais e conhecimentos interacionais é a ativação de modelos cognitivos sobre práticas culturais diversas, histórica e culturalmente construídas.

Não há uma única definição para a escrita, assim como essa não é uma tarefa fácil, já que envolve vários fatores, os quais não dependem só do autor do texto, mas de todos os atores envolvidos nesse processo. Cabe à escola atentar para essa complexidade de elementos que envolvem a construção da escrita e proporcionar ao aluno meios de, juntamente com o professor, construir conhecimentos que auxiliem seu desenvolvimento.

## **2.2 O ensino da ortografia na escola**

Um dos elementos complexos na construção da escrita constitui-se como elemento principal do nosso estudo: a ortografia. Aprender ortografia, não é algo simples, o ensino da ortografia é algo complexo, que não pode se dar de forma aleatória. De acordo com Melo, (2007,P.77): “o desempenho em ortografia está ligado como conhecimento mais profundo das regras.” Por esse motivo, ainda segundo a autora, é necessário que o professor planeje sua aula seguindo o objetivo que deseja alcançar no aprendizado em sala, refletir, discutir, compreender e construir, são palavras de ordem para que esse desafio seja cumprido. Para a autora, toda sequência didática deve ter alguns princípios norteadores, são eles: *Considerar as hipóteses do aluno*(explorar o conhecimento prévio do aluno); *Desenvolver a habilidade metacognitiva* (estimular a capacidade de reflexão do aluno); *Favorecer a interação* (compartilhar saberes entre os colegas e também com o professor); *Favorecer o papel de mediador do professor nas etapas de aquisição*

(Formação continuada do professor). O planejamento e a vivência do ensino da ortografia abrange um exercício de constante reestruturação objetivando possibilidades e considerando-se as diferenças existentes entre os sujeitos e suas formas de aprender e ensinar.

De acordo com Melo (2007,p.77), há a necessidade de repensar como tem se dado o ensino da ortografia em sala de aula. Para a autora“(...) requer um ensino sistemático e sofre influência das restrições ortográficas da língua.” É necessário expor os alunos a uma reflexão mais profunda a respeito das normas para que os mesmos superem certas dificuldades, como, por exemplo, a questão das regularidades e irregularidades da ortografia, que já foi citado anteriormente. O aluno dominando as regras, poderá escrever as palavras corretamente, mesmo que não as conheça, assim como tomando consciência que existem as irregularidades, saberá que é preciso memorizar algumas palavras e quando não, buscá-las em uma fonte confiável como o dicionário.

Segundo Morais (2007), tivemos ao longo da História um ensino pautado em cobranças, verificação de erros e acertos, ausência de metas, além de atividades limitadas. Porém, o autor afirma que “saber aonde se deseja chegar, quer em ortografia quer em outros domínios de conhecimento, parece-nos um princípio fundamental para a organização de qualquer processo de ensino.” (MORAIS, 2007,p. 46). Por esse motivo, não podíamos deixar de registrar e fazer algumas reflexões sobre a metodologia do ensino da ortografia na escola. Para o autor, é preciso não apenas constatar os erros e acertos dos alunos, mas, mapear e registrar seus erros, acertos e oscilações de forma periódica.

Dessa forma, o professor estará avaliando o desenvolvimento do aluno e poderá reorientar o próprio ensino. Podemos ter como instrumentos de diagnóstico não só os textos ditados; além desses, os textos espontâneos dos alunos demonstram seu avanço natural. Outro ponto importante é tratar os casos regulares e os irregulares separadamente, pelo motivo de exigirem estratégias de ensino diferentes. Diante de todas essas reflexões podemos inferir que a criança só deve estudar ortografia quando já estiver alfabetizada, seria impossível para o aluno conceber regras sem saber formar palavras, além disso, Morais nos diz que o professor deve iniciar o ensino da ortografia pelas principais dificuldades da turma, fazendo não só o acompanhamento do ano letivo, mas ao longo do Ensino



Fundamental de forma conjunta e respeitando a individualidade de cada um, como também de cada localidade.

Podemos ter como importante aliado no ensino da ortografia, o dicionário. É dever do professor, independente da disciplina que leciona, conscientizar os alunos da importância de consultar o dicionário cotidianamente. O mesmo traz informações que perpassam o significado das palavras, podendo ser utilizado para atender outros objetivos, e constitui-se como importante ferramenta para quem quer escrever bem. Vale lembrar que o dicionário utilizado precisa ser de qualidade, adequado ao contexto educacional e ao público alvo. Outro ponto importante é saber utilizá-lo desde cedo. A escola tem a função de construir essa autonomia junto com a criança, é preciso que os professores sejam preparados para isso. Outro critério importante a ser considerado no ensino da ortografia é a escolha do livro didático. O mesmo constitui-se como componente básico da organização do trabalho pedagógico, embora o professor não deva apoiar-se apenas nesse material em suas aulas.

Morais (2007) afirma que o livro didático pode dar uma importante contribuição para o ensino da ortografia. Porém, segundo o autor, para isso o livro precisa apresentar atividades que favoreçam a reflexão. Sendo assim, em sua escolha devemos avaliar alguns parâmetros, tais como: Manual do professor, correspondência letra-som, atividades propostas, casos regulares e irregulares, segmentação e acentuação das palavras. Esses estão relacionados diretamente com o ensino da ortografia, porém, é claro que outros critérios também precisam ser avaliados na escolha do livro didático a ser utilizado.

Por último, não podemos deixar de fazer algumas reflexões a respeito da revisão e correção ortográfica. Ao longo do nosso estudo, vimos que já se comprovam algumas mudanças nas práticas escolares em relação ao ensino da escrita e da ortografia. Porém, mesmo assim, Leite (2007) nos diz que tanto educadores como alunos, tem a ideia de que a correção ortográfica é suficiente para garantir uma escrita de qualidade. No entanto, ao fazer uma revisão apenas ortográfica de um texto, o professor está ignorando as demais competências do aluno. "(...) a ortografia não deve se tornar o aspecto principal de uma revisão textual, uma vez que outros aspectos mais relevantes do texto precisam ser garantidos." (LEITE, 2007, P.122).

É certo que vivemos em uma sociedade preconceituosa e discriminatória e escrever de acordo com o padrão da norma culta da língua é imprescindível, porém,

como foi dito na parte introdutória do nosso trabalho, escrever bem é mais que obedecer as normas da gramática e da ortografia, pois um texto possui outras finalidades. Ao revisar um texto é preciso substituir o treino pela reflexão. Considerar a variedade linguística e sócio- cultural do Brasil, é outro fator importante que não pode ser omitido, além desses aspectos, todo texto tem um gênero, traz consigo a intenção do autor, então a textualidade precisa ser considerada como um todo.

### **3. A ESCRITA NA REDE SOCIAL FACEBOOK E A ORTOGRAFIA COMO FONTE DE EXCLUSÃO**

A Era da informação ou era digital são termos continuamente utilizados para nomear os avanços tecnológicos advindos da Terceira Revolução Industrial e que repercutiram na difusão do Ciberespaço: Espaço virtual para a comunicação disposto por meio da tecnologia. A particularidade mais evidente da atual era da tecnologia é, sem dúvida, a capacidade de armazenar informação, dados e conhecimento. Outra singularidade consiste em interligar pessoas do mundo todo. Através da internet pessoas do mundo inteiro podem se comunicar, compartilhar informações, manifestar ideias, crenças, além de partilhar diversas formas de cultura e saber. Essa integração exige a utilização assídua da escrita por seus usuários, considerando que:

[...] o mundo eletrônico provoca uma tríplice ruptura: propõe uma nova técnica de difusão da escrita, incita uma nova relação com os textos, impõe-lhes uma nova forma de inscrição. A originalidade e a importância da revolução digital apoiam-se no fato de obrigar o leitor contemporâneo a abandonar todas as heranças que o plasmaram, já que o mundo eletrônico não mais utiliza a imprensa, ignora o 'livro unitário' e está alheio a materialidade do códex (CHARTIER, 2002, P. 23-24).

Em tempos passados a escrita foi sem dúvida, uma das tecnologias mais relevantes para o progresso da humanidade. No entanto, o séc. XXI, foi marcado pelo surgimento das atuais tecnologias e da mídia, trazendo um novo modelo de sociedade, onde a escrita agora se configura como um dos meios de comunicação mais utilizados através das redes sociais. Nessa atual conjuntura, mesmo o sujeito

que não tem hábitos leitores e escritores e não segue a norma padrão da gramática, é “forçado” a participar desse processo de inovação tecnológica e sofre dificuldades de integração e de exercer de forma plena seus direitos de cidadão, tendo seu processo de comunicação prejudicado. Além disso, com surgimento da era virtual o sujeito também é levado a abandonar “velhos” hábitos nas formas de ler, escrever, aprender e interagir.

Os contributos da investigação sobre o “Facebook e novas sociabilidades” de Amante (In: PORTO e SANTOS, 2014, p.27) destacam que os motivos de uso do Facebook se efetuam em três grandes áreas: uso do Facebook e capital social, uso do Facebook e identidade e uso do Facebook e contextos educativos. A proposta do nosso estudo da ortografia utilizada na rede social Facebook enquanto “contextos educativos”, em muito poderá ajudar a entender e aprofundar esta “nova ecologia da comunicação e as suas implicações a diferentes níveis”, no âmbito da sala de aula do ensino dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental.

Antes de adentrarmos em nossa pesquisa faz-se necessário entender alguns termos, tais como: linguagem, redes sociais, redes sociais virtuais. Para Bakhtin(1986), a linguagem é um permanente processo de interação mediado pelo diálogo, ainda para o autor, o social prevalece nas composições textuais, nesse sentido, um mesmo texto, sendo composto por enunciados diversos de uma única pessoa, está repleto da fala de outros, o que pressupõe um dialogismo. Sendo assim, a linguagem só ocorre quando o sujeito interage com o outro.

Em nossa pesquisa de cunho exploratório, buscamos observar a linguagem utilizada nas redes sociais virtuais, mais especificamente no Facebook. A escolha desse espaço deu-se tendo em vista a propagação dessa comunidade, especialmente entre os jovens e adolescentes que estão em período de formação, além de observar a quantidade significativa de postagens que carregam problemas de ordem ortográfica.

De acordo com Recuero (2009) citado por Melchioriettoe Luchetta, no artigo intitulado: *A linguagem na rede - com a palavra estudantes do ensino médio, redes sociais: São estruturas compostas por pessoas ou organizações que estão conectadas por algum tipo de relação. Ao passo que: Redes Sociais Virtuais: São as transposições das relações convencionais por meio de ligações para o ambiente virtual.* Então podemos compreender que as redes sociais compõem as relações convencionais que existem independentemente do Ciberespaço. Já as redes sociais

virtuais, constituem-se por essas relações convencionais que se dão através do ambiente virtual.

A linguagem é utilizada nas Redes sociais e também nas Redes Sociais virtuais, nessa segunda requer adequações, além de exigir do leitor/escritor domínio de suas estruturas para que se faça uso eficaz de suas ferramentas. A ortografia é uma das ferramentas da linguagem, por esse motivo é cabível prudência ao utilizá-la.

O Facebook, rede social virtual com a maior base de usuários no mundo, é uma ferramenta, que se constitui em uma rede virtual a partir do momento que o sujeito através dessa ferramenta, constrói elos de ligação com outros sujeitos. Para que isso aconteça, o principal instrumento a ser utilizado é a linguagem escrita. Por esse motivo retornamos ao ponto principal que é o uso eficaz da escrita, como sujeito letrado. A linguagem escrita utilizada no Facebook, é utilizada de maneira informal e abreviada, é uma linguagem que tem características próprias das Redes Sociais Virtuais. Apesar dessa adequação da linguagem virtual, quem escreve, está escrevendo para alguém e com algum objetivo, então, problemas na ortografia podem passar uma mensagem que pode não ser compreendida pelo espectador, além de criar estereótipos.

### **3.1 O percurso da pesquisa**

Na realização de nossa pesquisa, de cunho exploratório, fizemos a escolha de seis exemplos de escrita que apresentam problemas na ortografia. Primeiro, buscamos diagnosticar os erros de ortografia mais frequentes cometidos pelos usuários do Facebook, para, então, fazer a escolha das escritas. Em seguida, fizemos a análise das mesmas, observando individualmente vários aspectos, como letramento digital( capacidade de responder adequadamente às demandas sociais que envolvem a utilização dos recursos tecnológicos e da escrita no meio digital), clareza, objetividade, ortografia. A partir desse ponto, fizemos um estudo fundamentados em alguns teóricos buscando compreender como ocorrem os desvios da norma padrão nos textos de jovens na rede social Facebook.

Nossa discussão partiu do ensino da leitura e da escrita na escola. De acordo com o que foi observado em nossa pesquisa, os erros comumente encontrados foram referentes às regularidades e irregularidades da norma ortográfica, transcrição da fala e troca de letras. Outro aspecto importante é que os usuários do Facebook envolvidos na pesquisa, ou frequentam ou já frequentaram a escola, o que nos faz chegar à conclusão de que esse é um problema que envolve diretamente as práticas de ensino da leitura e da escrita na escola. A falta de reflexão, conscientização da importância de escrever bem, de revisar a escrita, são aspectos que, somados, ocasionam uma certa inabilidade na escrita dos indivíduos.

Por fim, a utilização das mídias sociais no ensino, se feita de forma adequada, pode contribuir com a aprendizagem da leitura e da escrita. A tecnologia tem o poder de dinamizar, chamar a atenção dos alunos, além de poder ser utilizada fora da sala de aula, também de forma pedagógica, com a orientação do professor. A utilização da escrita como ferramenta de comunicação nas redes sociais não deve ser um fator ignorado pela instituição escolar; é uma nova realidade que se apresenta e também precisa ser estudada e orientada. Quanto ao processo de apropriação do sistema ortográfico, faz-se necessário que mudanças aconteçam de fato. É indispensável que se garanta na escola espaços que façam com que os alunos reflitam sobre a diferença entre fala e escrita, casos regulares e irregulares da ortografia, entre outros aspectos. Tudo isso é essencial na construção de uma aprendizagem significativa.

### **3.2 Análise da escrita dos usuários do Facebook**

Neste tópico, analisamos exemplos da linguagem utilizada na rede social facebook. Na figura Nº 01, podemos observar a utilização de uma linguagem abreviada e que se aproxima da linguagem oral, esse fenômeno é bem comum para quem utiliza as Redes Sociais. O que nos chama a atenção é a escrita da palavra “cherox” ao invés de xerox, mesmo o sujeito fazendo uso de uma linguagem informal, adequada ao ambiente virtual, essa troca de letras gera a imagem de uma pessoa que não sabe escrever de acordo com a norma culta padrão, mas que, queira ou não, se vê “obrigada” a escrever, de acordo com a norma padrão.

Nessa segunda figura, Nº 02, o indivíduo ao fazer uso da linguagem, esquece o acento na palavra “amanha” e o r na palavra “copinho”. Talvez isso tenha ocorrido por falta de atenção. Nesse caso, mesmo esquecendo a letra r ele conseguiu passar a mensagem desejada, já que não iria cuidar de um copo na academia. No entanto, faz-se necessário atenção no ato de escrever, para passar a mensagem desejada com clareza e objetividade.

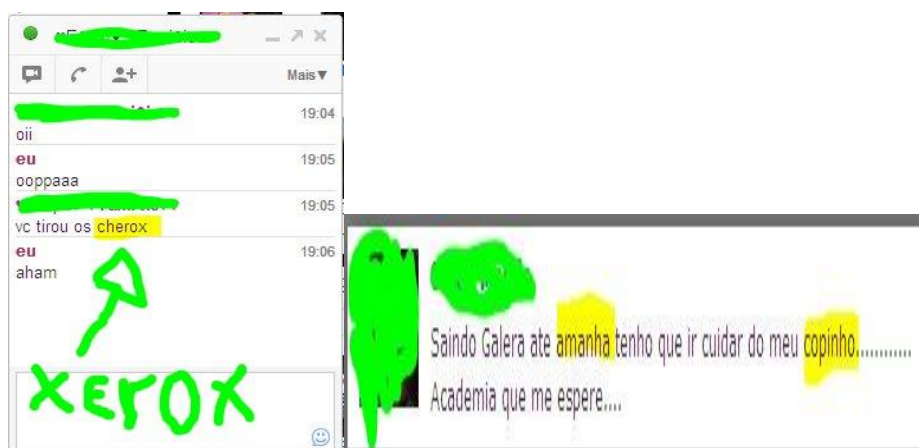


Figura nº01 – Fonte: Facebook Figura nº02 – Fonte: Facebook

Segundo Morais (2007,P.16), inicialmente os aprendizes dominam as restrições ou propriedades do sistema de escrita alfabética e, só depois, de forma gradual, vão internalizando a norma ortográfica. Na primeira figura, a palavra xerox é de origem inglesa, um caso irregular da ortografia, ou seja, não há uma regra que diga porque a mesma é escrita com x e não com ch, mas se deve obedecer a norma padrão. É necessário saber por que se usa dessa e não daquela forma. Levando isso para sala de aula, devemos lembrar a importância do professor separar os casos regulares, definidos por regras, dos casos irregulares, facilitando, dessa forma a internalização da norma ortográfica. Um sujeito que é exposto a uma atividade que não lhe permita refletir, porque motivo se usa x ou ch nas palavras, certamente não assimilará esse conhecimento, ao passo que conhecendo as regras e sabendo que para algumas palavras terá que memorizar ou consultar um dicionário, terá menos possibilidade de cometer esse tipo de erro. Muitas vezes, os erros ocorrem pela falta de atenção por parte de quem escreve, o que como já foi dito, acreditamos ser o segundo caso analisado. Sabemos que a ortografia, além de ser exigida na escola, é cobrada na sociedade. Um indivíduo que não escreve de acordo com a norma culta,

mesmo que seja em linguagem informal, vai sofrer discriminação e exclusão (MORAIS,2007, P. 12);

(...)pouco mudou na forma como a ortografia vem sendo tratada na escola. Se fora da instituição escolar ela é cobrada –e seu não-cumprimento é fonte de discriminação e exclusão–, cremos que também nas salas de aula a ortografia ainda é vista como tema de cobrança, verificação, avaliação e...punição.

Talvez esse seja um dos grandes entraves no ensino/aprendizagem da ortografia. Tanto na escola, quanto na sociedade ela é vista e tratada com cobrança e passível de punição. Desse modo, queremos enfatizar a necessidade de mudança no ensino, para que as pessoas sejam conscientizadas a utilizar a ortografia de acordo com a norma culta; porém, que façam isso com prazer, que reflitam sobre o que estão escrevendo, sempre. Não só pensando no interlocutor, mas pensando em escrever com base na norma padrão, para que não se sinta excluído da sociedade letrada.

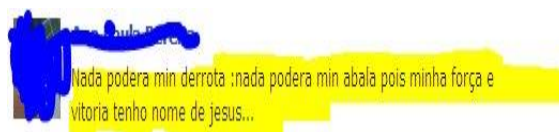
A figura Nº 03 apresenta mais problemas do que as duas já analisadas. Encontramos problemas na falta de uso dos acentos nas palavras “podera” e “vitoria”, o uso do “mim” ao invés de me, “derrota” e “abala” sem a letra r no final, “jesus” escrito com letra minúscula, mesmo sendo nome próprio, além da junção da palavra tem com o artigo o, formando tenho. Além de transcrever a fala na escrita, a mensagem não ficou clara, o autor da frase disse que tinha o nome de Jesus, quando na verdade quis dizer que sua força e vitória tem o nome de Jesus.

Na figura Nº 04 identificamos o uso de uma linguagem abreviada, característica das Redes Sociais Virtuais, porém, a frase apresenta três problemas de ortografia. O primeiro é o início da frase com letra minúscula e a falta do acento agudo em “parabens”, o segundo é a não utilização do cedilha em “abencoe” e o terceiro, mais grave a nosso ver, é o uso do dígrafo lh em “familhar”, além do r no final da palavra. A utilização de uma linguagem adequada à internet não justifica problemas com a acentuação, isso torna a mensagem desestruturada, que provoca discriminação e preconceito. Quanto à segunda observação, ao escrever família com lh, observamos mais uma vez a transcrição da fala na escrita, um problema que deve ser tratado com cuidado no ensino da ortografia.



parabens linda muintas felicidades DEUS abencoe vc e sua familiar bjosssss

Figura nº03 – Fonte: Facebook



Nada podera min derrota :nada podera min abala pois minha força e vitoria tenho nome de jesus...

Figura nº04 – Fonte: Facebook

Muitos dos erros cometidos no processo de escrita são interferências da oralidade. Isso pode ocorrer devido a vários fatores e um deles é a transposição da fala para escrita, As figuras três e quatro são bons exemplos da transposição da fala na escrita, também podemos ter outro fator que antecede o primeiro, o ambiente sócio - cultural em que o sujeito está inserido, sabemos que indivíduos com pouca escolaridade tendem a falar de forma menos prestigiada socialmente. Na escrita existe um único padrão a ser seguido, escrever não é transcrever a fala e sim representá-la. Historicamente, a fala precede a escrita, por esse motivo está mais presente em nosso cotidiano.

A fala seria uma forma de produção textual discursiva oral, sem a necessidade de uma tecnologia além do aparato disponível pelo próprio ser humano. A *escrita* seria, além de uma tecnologia de representação abstrata da própria fala, um modo de produção textual-discursiva com suas próprias especificidades(MACHUSCHI, 1997, p.126).

Existem diferenças entre a fala e a escrita, na fala temos a presença do interlocutor que permite a utilização de recursos não verbais, podemos tratar de assuntos variados em uma mesma fala sem comprometer a assimilação ou memorização por parte de quem nos ouve, além de utilizar frases mais curtas, já que dispomos de outros artifícios para obter compreensão, como gestos, tom de voz, postura corporal. Entretanto, essas diferenças não são vistas com clareza por um indivíduo não alfabetizado e que não domina a língua padrão. Marcuschi ( 2007,p.15), afirma:

(...) a criança, o jovem ou o adulto já sabe falar com propriedade e eficiência comunicativa sua língua materna quando entra na escola, e sua fala influencia a escrita, sobretudo no período inicial da alfabetização, já que a fala tem modos próprios de organizar, desenvolver e manter as atividades discursivas. Esse aspecto é



importante e permite entender um pouco mais as relações sistemáticas entre oralidade e escrita e suas inegáveis influências mútuas.

No ensino da ortografia, os erros cometidos não devem ser considerados como uma deficiência na escrita, mas como um passo para o acerto.. A partir desses erros o professor pode avaliar quais as necessidades dos alunos, além de elaborar sequências didáticas a partir desse conhecimento. Explicar aos alunos que há diferença entre a linguagem verbal e não verbal e que a escrita representa a fala, porém, não é sua transcrição exata, é fundamental nesse processo.

Nessa penúltima figura, Nº 05, o autor da frase trocou o e pelo i em “mamais” e “mais”, além de não fazer uso do til. Houve a transcrição da fala na escrita. Na última figura, Nº 06, o sujeito faz uso da abreviação, típica do ambiente virtual, no entanto, apresenta problemas na escrita que dificultam o entendimento da mensagem, em “na, batar, derrumar”, o indivíduo omite e troca letras.



Figura nº05 – Fonte: Facebook

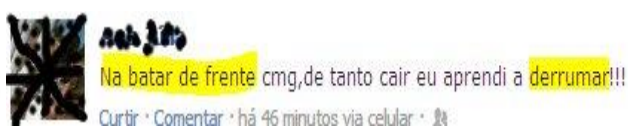


Figura nº06 – Fonte: Facebook

A forma de comunicação virtual é marcada pela rapidez e dinâmica. Contudo, isso pode ser prejudicial na escrita. Ao longo do nosso trabalho, procuramos enfatizar a importância de escrever de forma clara e objetiva. Gurgel (2009) nos diz que escrever é um processo que envolve várias etapas: planejar, escrever, revisar e reescrever, afirma ainda que esse é um comportamento essencial na produção escrita.

A falta de revisão pode gerar sérios problemas em um texto, como pode ter sido o caso da escrita representada na última figura a ser analisada. Algumas pistas nos levam a isso, já que na frase, além das palavras que não estão com a grafia correta, existem outras mais difíceis de ser grafadas e não apresentam problema na escrita.

Vale ressaltar que em uma produção escrita, mesmo sendo ela informal, a ortografia não é o único aspecto a ser avaliado, a coerência, coesão, articulação das ideias, argumentação, entre outros, fazem parte de um conjunto e precisam ser

vistos. Ao fazer uma releitura do seu texto, o escritor, especialmente nas redes sociais, evitará exposições desnecessárias, além de obscuridade textual e desinteresse por parte do interlocutor.

#### **4. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Partindo da pesquisa realizada que teve como título “A ortografia em foco: uma estudo da ortografia utilizada na rede social Facebook”, esta pesquisa pretende investigar a ortografia utilizada pelos usuários da rede social Facebook a partir do papel da escola nesse novo cenário que se apresenta, que é a comunicação através das mídias. Constatamos que os problemas de ortografia mais comumente encontrados estão relacionados à transcrição da fala, regularidades e irregularidades e troca de letras, prejudicando muitas vezes a finalidade comunicativa da mensagem.

Essa nova realidade, onde o uso da tecnologia e das mídias ganha destaque, especialmente entre jovens e adolescentes, requer da escola sua inclusão como ferramenta pedagógica. Além, de modificar suas práticas de leitura e escrita, utilizando a reflexão como base fundamental desse processo, a escola necessita garantir espaços de formação de leitores e escritores competentes, o que já é de sua inteira responsabilidade.

O Facebook pode ser utilizado como ferramenta pedagógica sob diferentes perspectivas, especialmente no aperfeiçoamento da escrita. O preconceito existente na linguagem escrita influencia o aluno de forma a exigir de si mesmo um bom desempenho comunicativo. Promover um ensino baseado na reflexão é algo que demanda tempo e trabalho por parte do professor, talvez esse seja um dos motivos que entravam o uso de metodologias que facilitam a aprendizagem dos alunos.

Sabendo da importância de apresentar-se com clareza e objetividade nas diversas situações que envolvem a escrita, a presente pesquisa teve a intenção de discutir a escrita apresentada por jovens usuários na rede social Facebook, assim como problematizar a necessidade de urgente mudança nas práticas pedagógicas, partindo do princípio de que o ensino não precisa ser algo monótono, desagradável e cansativo.

Para Internalizar a norma ortográfica, é importante que o sujeito conheça sua origem, saber porque a mesma precisa existir, refletir sobre a diferença que há entre palavras ditadas por regras e pela memorização, ser consciente de que a escrita é representada pela fala, porém, não é sua transcrição exata desta. Faz-se necessário, também, que o professor considere o ambiente sócio - cultural do aluno. Crianças, jovens e adultos que tem acesso a livros, jornais, revistas, que convivem com pessoas que utilizam a linguagem de forma mais prestigiada socialmente, certamente terão mais facilidade para aprender.

Por fim, com esse trabalho ficamos cientes da importância de escrever de forma clara e objetiva, de acordo com a norma culta padrão da ortografia, mesmo que seja em um ambiente informal, como são as redes sociais. A forma como uma pessoa escreve pode dizer muito sobre ela, ainda mais quando a escrita torna-se o principal de meio de expressão, como é o caso do Facebook. Constatamos que os problemas encontrados na ortografia dos usuários do Facebook tem ligação direta com a falta de uma política educacional ineficiente, incapaz de formar leitores e escritores competentes. Os desvios da ortografia apresentada e a dificuldade de se comunicar através da escrita, levam-nos a perceber que são jovens que, embora tenham tido acesso à escola, esta falhou no seu papel.

## ABSTRACT

With the popularization of the Internet in the century. XXI, the number of people who use writing as their main means of communication through social networks, has grown considerably. As users of the Facebook social network, I see many young people have difficulty in using writing within grammatical patterns. Such writing is configured as an additional ground for exclusion of these young people in society. Discriminated by other users, these young people, although they have attended school, they were illiterate fully and hence not become competent readers and writers. Grounded in studies of Gurgel (2009), Kleiman (1989), Silva (2009), Solé (1998), Souza (1997), among others, this research aims to investigate the spelling used by the users of the Facebook social network, from a discussion on teaching practices of reading and writing in school. Methodologically, this paper adopted a exploratory research through the Facebook social network. The data shows that it is of paramount importance that users of social networks can write clearly and objectively, according to the standard orthography, otherwise suffer prejudice due to the inappropriate use of standard written in these spaces. Still, the way a person writes can tell a lot about it, especially when the writing becomes the primary means of expression, such as Facebook.

**Keywords:** Spelling. Reading. Writing. Facebook

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMANTE, Lúcia. **Facebook e novas sociabilidades: contributos da investigação**. In: PORTO Cristiane, SANTOS, Edmea (orgs.). Facebook e educação: publicar, curtir, compartilhar. Campina Grande: EDUEPB, 2014. Sugestão de acréscimo

**A LINGUAGEM NA REDE- COM A PALAVRA ESTUDANTES DO ENSINO MÉDIO**. Albio Fabian Melchiorretto (SENAI) Ana Paula Luchetta (FURB/SENAI) Disponível em: [www.tecnoevento.com.br/nel/anais/artigos/art4.pdf](http://www.tecnoevento.com.br/nel/anais/artigos/art4.pdf). Acesso em: 27/04/2016.

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. Tradução de Michel Lahud e Yara F. Vieira. São Paulo: Editora Hucitec, 1986.

GURGEL, Thais. [www.novaescola.org.br](http://www.novaescola.org.br). **Escrever de verdade**. Janeiro/Fevereiro 2009.

HILGERT, José Gaston. **A construção do texto “falado” por escrito na Internet**. In: PRETE, Dino (org.). Fala e escrita em questão. São Paulo: HUMANITAS, 2006. e educação: publicar, curtir, compartilhar. Campina Grande: EDUEPB, 2014. Sugestão de acréscimo

KLEIMAN, Ângela. **Leitura, ensino e pesquisa**. São Paulo, Pontes, 1989:151-155

KOCH, Ingedore Villaça. **Ler e escrever: estratégias de produção textual / Ingedore Villaça Koch, Vanda Maria Elias, - São Paulo: Contexto, 2009.**

MARCUSCHI, Luiz. **Fala e escrita / Luiz Antônio Marcuschi e Angela Paiva Dionísio**. 1. ed., 1. reimp. —Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

\_\_\_\_\_. **Oralidade e Escrita**. Revista Signótica, Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal de Goiás: janeiro a dezembro, 1997.

PADILHA, Simone de Jesus. **Ensinando a ler e a escrever com amor**. São Paulo: Novo Rumo, 2007.

**PCN. Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa** - Brasília, 1997.

SILVA, Alexsandro da. **Ortografia na sala de aula**. /organizado por Alexsandro da silva, Artur Gomes de Moraes e Kátia Leal Reis de Melo. -I. ed., I. reimp. – Belo Horizonte: Autêntica, 2007. 144 p.

SILVA, Maurício. **Ortografia da língua portuguesa: história, discurso e representações**. São Paulo: Editora Contexto, 2009

SOUSA, M. E. V. de. & PEREIRA, R.C.M. **Noções de leitura e sua relação com o ensino**. In.: Linguagens: usos e reflexões. Vol. I. Ana Cristina de S. Aldrigue e Evangelina Maria B. de Faria (orgs.), João Pessoa: Editora Universitária:2007.

SOLÉ, Isabel; SCHILLING, Cláudia. **Estratégias de leitura**. 6ªed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.